

Lar doce lar

Um espelho da infância e da alma

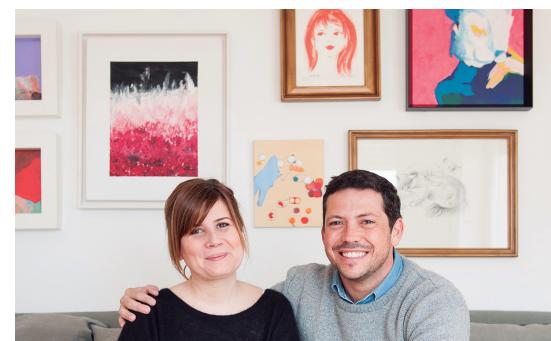


Cláudio Garcia
claudio.garcia@jornaldeleiria.pt

Há uma ligação directa com o passado que influencia o conceito de interiores que a arquitecta Joana Marcelino procura para si própria. "A minha mãe era apaixonada por arte contemporânea, o meu pai por antiguidades, portanto sempre vivi numa mistura enorme e o confronto entre as duas linguagens criou sempre um ambiente muito especial. A casa era muito cheia, mas tinha Cargaleiro, móveis Luís XV, louça Companhia das Índias, já para não falar na coleção de coches e charretes que tínhamos na cave". Para uma criança, nada melhor do que o terreno fértil da imaginação. "Fazia com que as nossas brincadeiras de infância fossem muito reais, porque tínhamos desde o cálice aos coches e podíamos inventar". O marido, Pedro Silva, *international sales manager* na empresa de transformação Pedrantiqua, confirma a força do imaginário da vivenda localizada no Juncal, concelho de Porto de Mós. "Recordo-me de ser novo, porque os nossos pais viviam na mesma aldeia, e cada vez que íamos a casa da Joana, neste caso dos pais da Joana, era sempre especial, havia ali um mistério associado, porque, embora tivesse muitas coisas antigas, acabava por ter um lado contemporâneo. Não se via aquilo em lado nenhum, havia uma certa modernidade em termos de vivência".

Da moradia cercada por um jardim no Juncal para o apartamento na Rua de Alcobaça, em Leiria, o espírito é o mesmo, só muda a forma. A minha casa é exactamente o reflexo da minha infância", explica Joana Marcelino. Um conceito de casa "com alma", que vai "crescendo ao longo dos anos", com peças que o casal vai "adquirindo, conforme as viagens" e um "ambiente que junta vários mundos". O apartamento, um terceiro piso, é de 1958 e a arquitecta ocupa-o desde 2009, quando se apaixonou pelo centro histórico de

**Joana
Marcelino e
Pedro Silva
vivem num
apartamento
na Rua de
Alcobaça, em
Leiria. Um
ambiente
contemporâ-
neo, mas
carregado de
memórias e
que herda o
imaginário da
infância
passada no
Juncal. Na
sala destaca-
se a poltrona
Smock,
desenhada
por Patrícia
Urquiola. O
retrato da
arquitecta
com oito anos
de idade é da
autoria de
Gama Diniz**



Leiria. A luz da cidade, o castelo, a sé catedral. Demolidas algumas paredes, é o lugar - e a vista - ideal. "Mais facilmente compro uma casa no centro de Paris do que compro outra em Leiria". Na sala destaca-se o retrato de Joana Marcelino com oito anos de idade, pintado por Gama Diniz - "num dia em que ele pintou a família toda" - e colocado por cima de uma escrivaninha que veio do Juncal, também a poltrona Smock da designer Patrícia Urquiola para a marca Moroso - "foi assim a minha primeira grande compra, a primeira grande loucura, é a arquitecta e designer que eu mais admiro" - e a parede de afectos com pinturas de Nuno Gaivoto, Gama Diniz, Arménio Vasconcelos, entre outros. No rés-do-chão do prédio, funciona o Joana Marcelino Studio, no que parece ser a receita para o sucesso. "É maravilhoso, eu gosto bastante, porque a minha vida profissional confunde-se muito com a minha vida pessoal, todos os meus clientes acabam por ser meus amigos, tem de haver um conhecimento muito grande das pessoas".

As memórias da casa dos pais não são apenas uma fonte de inspiração para o ambiente que Joana Marcelino procura no apartamento da Rua de Alcobaça, são também, provavelmente, o detonador para a "grande paixão pelos interiores" que a arquitecta vive no dia a dia. "Acho que foi aquela mistura de linguagens e aquele ambiente muito especial que fez com que eu muito nova olhasse para o espaço de maneira diferente".

Da arquitectura como vocação floresce a certeza de que "a principal missão do arquitecto é fazer a interpretação correcta de um lugar e um lugar tendo em conta a família ou cliente para quem se está a construir". O que leva à conclusão inevitável de que cada caso é um caso e cada projecto é um projecto diferente. "Isso é extremamente importante. Temos de tratar do lugar e a construção tem que reflectir o que o cliente é. Se todos trabalhassem assim, as nossas cidades, a nossa paisagem, estariam certamente muito mais valorizadas".

FOTOS: RICARDO GRAÇA